

O BIBLIOTECÁRIO NA CONSERVAÇÃO DE LIVROS RAROS

Rizio Bruno Sant'Ana

Minha formação como bibliotecário e especialista em obras raras me deu muitas oportunidades de realizar cursos e estágios nas áreas de encadernação e conservação de livros. A partir dessa perspectiva, este será o depoimento de alguém que trilhou um caminho próprio como curador de obras raras e que teve alguma experiência na conservação desse tipo de acervo.

Sou formado pela Escola de Comunicações e Artes da USP, na qual entrei como aluno de Cinema em 1980 e cursei Biblioteconomia entre 1983-1987. Enquanto frequentei a universidade não tive nenhum curso sobre preservação ou obras raras e tudo o que aprendi a respeito veio após meu ingresso na Biblioteca Mário de Andrade (BMA), onde trabalho desde 1989.

Como estagiário na Biblioteca da FEA-USP, aprendi com Maria Ivanov o básico da organização de bibliotecas e da catalogação de livros. Na Biblioteca da FGV, fiz pesquisas de auxílio aos alunos de pós-graduação e na Fipe trabalhei com o professor doutor Iraci del Nero da Costa nas pesquisas sobre demografia histórica, o que levou ao meu primeiro texto publicado¹. Ainda como estudante, fiz no IEB-USP um

trabalho de pesquisa da bibliografia utilizada por Mário de Andrade num projeto que não foi realizado em vida, o *Dicionário Musical Brasileiro*, publicado por Flávia Toni².

Entre em 1989 como bibliotecário na Seção de Obras Raras e Especiais da BMA. Trabalhei sob a direção de Maria Regina Dantas Rodrigues, que me iniciou com os livros antigos; logo depois, porém, ela deixou a Biblioteca e eu vim a ser o chefe da seção. De certa forma, aprendi na prática como organizar as obras raras, que no nosso caso significava uma coleção de quinze mil livros, dez mil periódicos e milhares de manuscritos e obras de arte em papel. O acervo inclui de incunábulo a livros de artistas, de códices e manuscritos do século xv aos primeiros jornais de São Paulo, além de álbuns de gravuras originais e fotografias de Militão e Marc Ferrez.

Tive a ajuda de bibliotecárias da BMA e de outras bibliotecas, como Maria Itália Causin, do IEB, sempre solícita em me ajudar quando necessário. Além disso, a Secretaria de Cultura organizou um debate sobre critérios para definição de obras raras e agendou reuniões entre a Profa. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo³ e os funcionários da nossa Seção, do CCSP e da Biblioteca Monteiro Lobato, para discutir os critérios de raridade que iriam definir nossa política⁴.

Continuando minhas pesquisas, fiz uma lista do que existia sobre Mário de Andrade na BMA⁵, publicada na nova revista da biblioteca, que havia sido lançada no ano anterior e na qual eu já era revisor. Publiquei depois alguns outros artigos na mesma revista, e fiz parte da Comissão Editorial por alguns anos. Por um tempo, passei também a ser chefe da Seção de Extensão Cultural, responsável pela divulgação da BMA por meio de palestras e exposições e da contratação de artistas e escritores para eventos no nosso auditório.

Infelizmente, não tive muito contato na BMA com o bibliotecário Percy Longo Filho, especializado em restauração de papéis e professor de biblioteconomia, falecido no início de 1991. Entre 1978 e 1979 ele havia feito um curso de restauro de documentos gráficos em Madrid

1. Rizio Bruno Sant'Ana e Iraci del Nero da Costa, *A Escravidão Brasileira nos Artigos de Revistas (1976-1985)*, *Estudos Econômicos*, jan.-abr. 1989, pp.131-194.
2. Rizio Bruno Sant'Ana (org.), "Bibliografia", em Mario de Andrade, *Dicionário Musical Brasileiro*, pp. 587-688.
3. Ana Maria de Almeida Camargo, "Obra Rara: Critérios Para Definição" (Trabalho apresentado na mesa redonda "Obra Rara: Critérios Para Definição, Política de Preservação e Mercado", realizada na BMA em 8 de outubro de 1992).
4. Rizio Bruno Sant'Ana, "Como Definir Obras Raras: Critérios da Biblioteca Mário de Andrade", *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, jan./dez., 1996, pp. 231-252, publicado depois como: "Critérios Para Definição de Obras Raras", *ETD: Educação Temática Digital, Campinas*, jun. 2001, vol. 2, n. 3, pp.1-18. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/577/592>>. Acesso em: 12 mar. 2018.
5. Rizio Bruno Sant'Ana, "Mário de Andrade: Bibliografia", *Revista da BMA*, jan.-dez. 1993, pp. 179-204.

e trabalhou por mais de dez anos na área, sendo responsável por criar o Laboratório de Restauro de Livros da BMA, um dos pioneiros no Brasil. Durante a reforma do prédio, em 1990, o laboratório foi fechado e Percy passou a catalogar as obras da coleção Paulo Prado, dispersas na coleção geral da BMA. Após sua morte, o laboratório recebeu seu nome, mas só se fazia a reencadernação de livros, até ser fechado definitivamente, com o início da nova reforma do prédio, em 2007. Por vinte anos, de 1991 a 2010, a BMA não teve um profissional de nível superior como responsável por essa área, apenas técnicos de nível médio. Assim, desde esse período, e por muito tempo, eu era sempre consultado pela direção da BMA em relação às questões de preservação do acervo como um todo.

No final do governo de Luiza Erundina foi realizada uma grande reforma física no prédio. A Seção de Raros passou a contar com vários andares de reservas técnicas, com sistemas de combate a incêndio por gás CO₂, alarmes de fumaça, portas corta-fogo e luminosidade controlada, com luzes ligadas somente após a entrada na reserva. Foi instalado um sistema de ar-condicionado, mas devido a algum problema ele não funcionou, restando apenas a ventilação. A reforma foi estressante para os poucos funcionários que ficaram na BMA, pois tínhamos que empacotar e transferir de lugar, dentro do prédio, milhares de volumes de obras, e depois organizar tudo nos novos locais.

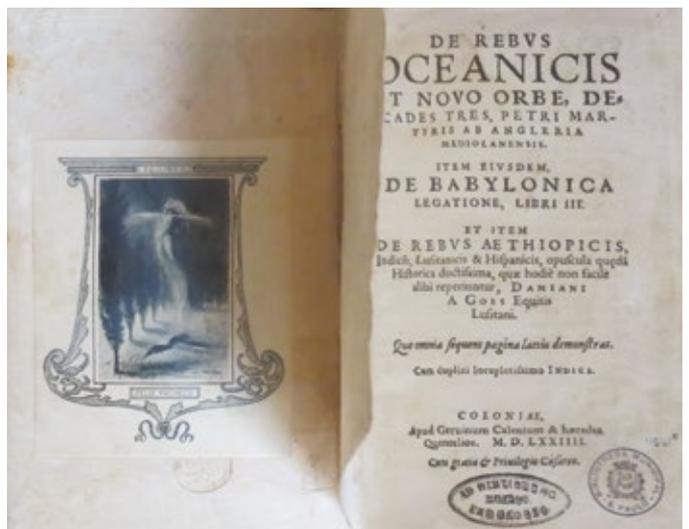
De qualquer forma, o sistema de guarda do acervo de livros raros foi ampliado e muito aprimorado. Por questões de segurança, transferimos cerca de vinte mil volumes das outras seções para a de Raros, o que dobrou o tamanho de nossa coleção. Foram localizadas nos depósitos da Torre, como o prédio da biblioteca é conhecido, obras raras publicadas desde 1546 até o início do século XX, com ilustrações originais ou autógrafos dos autores, além de outros materiais guardados como livros, incluindo periódicos, álbuns originais de fotografias, códices manuscritos e coleções de cartões postais. Realizei um trabalho de avaliação e seleção de obras para transferência à Seção de Raros da BMA também em outras unidades da rede de bibliotecas da Prefeitura Municipal, como o CCSP e a Biblioteca de Santo Amaro.

O início de meu trabalho com preservação se deu nos EUA, ao participar como convidado do Reverse Library Program pelo Consulado Americano de São Paulo, sob patrocínio da American Library Association (ALA). Por sete meses, de setembro de 1993 a março de 1994, trabalhei na Biblioteca Oliveira Lima, possuidora de uma das melhores coleções luso-brasileiras. Formada pelo embaixador Oliveira Lima, foi doada em 1916 à Universidade Católica de Washington. Identifiquei e organizei um acervo de cinco mil folhetos brasileiros, portugueses e de

.....
 Livro de Horas. *Manuscrito francês sobre pergaminho com iluminuras a ouro, do século XVI, doado por Francisco Matarazzo Sobrinho à BMA em 1944.*



.....
 De rebus oceanicis et novo orbe, decades tres, de Pietro Martire d'Anghiera. Livro impresso em Colônia, Alemanha, por Geruinum Calenium, em 1574. Encadernação original em pleno couro, com presilhas em metal. Pertence à Coleção Félix Pacheco, comprada pela BMA em 1935.



outros países, dos séculos XVII ao XX. O trabalho foi muito proveitoso, pois consegui descobrir oito folhetos editados pela Imprensa Régia, desconhecidos até então e não citados na recém publicada *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*, de Rubens Borba de Moraes e Ana Maria Camargo⁶.

Para melhor ordenar os folhetos, que estavam todos misturados em pacotes e caixas de papelão, era preciso higienizar e acondicionar a coleção. A biblioteca era pequena e não havia um responsável pela preservação, mas com a ajuda da bibliotecária Rachel Barreto, tive acesso às lojas de produtos para conservação, como Talas e Gaylord Archival. Comprei trinchas, borrachas plásticas, fôlderes e caixas de papel livre de ácido, envelopes Tyvek e plástico Mylar para encapsulamento, coisas das quais nunca tinha ouvido falar antes. Consegui comprar alguns desses materiais para a BMA e também livros, como *Boxes for the Protection of Rare Books*, de Margaret R. Brown. Alguns foram adquiridos da empresa de Don Etherington (autor do livro *Bookbinding and the Conservation of Books*), que havia realizado trabalhos de encadernação para a Oliveira Lima e com quem pude conversar várias vezes sobre conservação, tendo assistido a seu seminário “Commercial Library Binding and Conservation Option”. Mais uma vez, aprendia na prática, embora com bons professores.

Como trabalhava na universidade, tive oportunidade de frequentar, no curso de Biblioteconomia, aulas de Administração de Preservação (com Debra McKern, chefe do laboratório de restauro da Library of Congress) e História da Ilustração de Livros, com Joseph Coffman. Além disso, estava em Washington e podia visitar sempre a Library of Congress e a Folger-Shakespeare Library, onde conversei com Frank Mulvey e vi, pela primeira vez, o funcionamento da máquina obturadora de papel. Outra novidade para mim foi a oportunidade de me corresponder com Claudia Balby, minha antiga colega de curso e professora na ECA-USP, por meio de uma nova invenção, a internet, na época disponível apenas em instituições de ensino superior. Comecei então a participar das primeiras listas de discussão *on-line*, como a CoOL (Conservation DistList) e a Ex Libris.

Tentei aproveitar ao máximo a experiência de estar nos EUA para visitar bibliotecas e laboratórios de restauro em várias cidades. Fui a Chicago e visitei a Newberry Library, estive em Princeton, conhecendo o laboratório de conservação conduzido por Robert Milevski, visitei a

6. Conte um pouco dessa aventura na palestra “Viagens às Raridades”, no VII Simpósio de Bibliotecas e Desenvolvimento Cultural, durante a 13ª Bienal Internacional do Livro, em São Paulo, 21 de agosto de 1994.

Biblioteca Pública de Nova York e me encontrei com Laurence Hallewell na Columbia University.

Ao voltar dos Estados Unidos, em 1994, fiquei um pouco frustrado por não conseguir encontrar por aqui alguns dos materiais com os quais trabalhei, para usar no acondicionamento de obras raras da BMA, e só então me dei conta de parte das dificuldades que enfrentam os conservadores no Brasil. Como não tinha responsabilidade administrativa (nos próximos anos Priscila Ferretti e Muriel Scott seriam chefes da Seção de Raros), resolvi aprender mais sobre preservação e entrei como sócio da Aber. Nesse ano, a revista da biblioteca trouxe um importante dossiê sobre preservação de bens culturais, com artigos de dona Guita Mindlin, da Aber, sobre a encadernação como fator de conservação do livro; de Isis Baldini, sobre restauro de obras de arte em papel; e a primeira bibliografia reunida sobre o assunto, organizada por Maria Christina Barbosa de Almeida, com dados do CPC-USP. Frequentei cursos de encadernação com a professora Felícia Neyde Trad, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, em 1994, e com a professora Patricia Giordano, na Aber, em 1995. Meu intuito não era me transformar em um conservador, mas entender a estrutura do livro antigo para poder discutir com propriedade com os conservadores, no caso de ter que avaliar um trabalho de restauro a ser realizado na Seção.

A partir disso, alternei cursos e estudos sobre a administração de coleções de obras raras com os relativos à preservação e conservação de acervos e iniciei de fato um trabalho de curadoria de obras raras, que pressupõe um trabalho ativo de selecionar, organizar e dispor do acervo. O curador não se preocupa apenas com o acondicionamento e guarda da coleção, mas atua também na divulgação do conhecimento, através da catalogação, produção de bibliografias, montagem de exposições e atendimento aos pesquisadores. Formalmente, todavia, não existe o cargo de curador na BMA.

Particpei em 1994 do encontro “O Brasil dos Viajantes”, realizado no Masp junto com a mostra organizada por Ana Maria Belluzzo, a qual a BMA auxiliou na fase de pesquisas e para qual emprestou diversas obras raras. Assisti ao curso O Restauro das Obras em Papel, ministrado pelo professor Maurizio Copedè, de Firenze, Itália, patrocinado pelo Istituto Italiano di Cultura, e dei uma palestra intitulada “Obras Raras em Bibliotecas Públicas: Preservar ou Divulgar?”, na Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, ambos na BMA, em 1995. Nesse trabalho de divulgação das obras raras, reuni exemplos dos estilos de encadernações históricas existentes na Seção de Raros e proferi uma palestra sobre encadernação de obras especiais no “I Encontro Sobre a Importância da Encadernação na Conservação de Acervos Bibliográficos”, do SIBI-USP.

Em seguida, dei uma aula sobre planejamento de bibliotecas de obras raras para os alunos do curso de Biblioteconomia da ECA-USP, em 1996, e passei a fazer a curadoria de algumas exposições.

Um segundo momento importante em minha trajetória na conservação de acervos se deu no final de 1996, quando Guita Mindlin, da Aber, convidou o Prof. Mark Roosa, da Huntington Library, para dar um seminário sobre conservação preventiva em bibliotecas, arquivos e museus, realizado no Memorial da América Latina, do qual participei. Por sugestão de dona Guita, seria dado também um *workshop* de uma semana a um grupo de doze conservadores brasileiros que falassem inglês, de modo que pudessem participar do curso. Para tanto, seria necessário usar o acervo de uma biblioteca para as práticas do *workshop*, que consistia, entre outros aspectos, de um *survey* da coleção e de levantamentos da condição climática do prédio, através de medições por aparelhos termo-higrômetros.

Por autorização do diretor da BMA, José Eduardo Soares de Castro, pude oferecer os espaços da BMA para o curso e participei desse importante encontro junto com Priscila Ferretti, chefe da Seção de Raros e mais tarde vice-presidente da Aber, Ivani di Grazia, chefe da Biblioteca do Masp, e Cristina Antunes, curadora da Biblioteca Mindlin, entre outros. Do contato inicial estabelecido com Mark Roosa surgiu o programa de bolsas na Huntington, patrocinado pelas Fundações Vitae e Lâmpada e o Programa de Verbas para Preservação do Getty Museum, do qual participaram entre outras Glória Mota, da Aber e Tatiana Christo, da Biblioteca Nacional, e para o qual eu também fui convidado.

Desse momento em diante, a conservação preventiva passou a ser questão de grande importância para a BMA. Convidado por Ingrid Beck e Solange Zúñiga, participei na USP do seminário de uma semana para divulgação do projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (CPBA), organizado em 1997 pelo Arquivo Nacional, Funarte e Fundação Getúlio Vargas, com patrocínio da Fundação Vitae e Andrew W. Mellon, dos EUA. Recebemos dois conjuntos das publicações (que foram depois disponibilizadas *on-line*) e ajudei a divulgar o conteúdo dos textos. Baseado nesse projeto e nas práticas do *workshop* com Mark Roosa, escrevi com Priscila Ferretti um manual de preservação de obras raras da BMA, especificando as ações de higienização dos locais de guarda, os tipos de acondicionamento de obras etc. Esse manual interno deveria ser o embrião de um texto maior, sobre preparação contra desastres na Biblioteca, que infelizmente não foi produzido.

Fui convidado por Glória Mota em 1997 a auxiliar no curso Preservação, Conservação e Restauro de Documentação Gráfica, organizado pelo Aber e Senai, recebendo os alunos na BMA para mostrar exemplos

Funcionários e estagiários do Avery Conservation Center, o laboratório de restauro de papéis e livros da Biblioteca Huntington, em 2003, durante curso com a conservadora de papel Elizabeth Morse, da Universidade de Harvard.



Vianka Hortuvia e Rizio Bruno em uma atividade de restauro no estágio em conservação de material bibliográfico da Biblioteca Huntington, em 2003.

de encadernações antigas e seus meios de conservação. Anos depois, Fernanda Auada reiterou o convite e até 2006 fui professor de História do Livro e das Bibliotecas no curso do Senai. Posso dizer que aprendi muito com as duas professoras e com os próprios alunos, que me mostravam novas abordagens e estimulavam a ampliar meu conhecimento com o manuseio das obras raras. Consegui com a direção da BMA que pelo menos cinco funcionárias da Seção de Raros fizessem o curso, entre 1997 e 2000 (e depois em 2008). Essas aulas, de certa forma, foram a base das palestras informais que desde então passei a promover na Sala de Obras Raras, mostrando ao vivo diversas obras e percorrendo sobre suas características. Por diversas vezes, alunos de cursos como História da Ciência, da PUC-SP, e Auxiliar de Biblioteca, do Senac, por exemplo, foram à BMA em grupos pequenos e puderam ter um contato mais direto com obras raras.

Iniciei, em 1998, um trabalho de consultoria em Belo Horizonte, com a conservadora Walmira Costa, num projeto da Biblioteca Padre Vaz da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, quando fiz o catálogo de 1,5 mil obras raras dos séculos XVI ao XIX, publicado em CD-ROM⁷. Apresentei no 9º Congresso da Abracor, em Salvador, um painel sobre conservação preventiva em bibliotecas públicas, com um estudo de caso da BMA, publiquei um pequeno artigo sobre obras raras no boletim da Aber⁸ e dei uma entrevista à tv Senac sobre a Seção de Obras Raras, editada em vídeo⁹. A partir de então, a divulgação por meio da mídia impressa e filmada de obras do acervo e de nossos trabalhos de conservação seria uma constante.

Uma importante fase da preservação do acervo teve início em 1998. Um dos nossos problemas era a dificuldade de conseguir verba nessa área, pois a BMA não era uma unidade orçamentária dentro da estrutura da Secretaria de Cultura e estava distante das agências de fomento, pois nenhum dos diretores do período tinha curso de pós-graduação ou haviam feito um projeto desse tipo. Em contato com a bibliotecária Dina Uliana, então no MAC-USP, vi a possibilidade de entrar com um pedido de verbas para conservação junto à Fapesp. Consegui escrever o texto (com a ajuda de Muriel Scott, chefe da Seção de Raros, Dina Uliana e Ivani di Grazia) e pude contar, como responsável pelo projeto, com o professor doutor João Jurandir Spinelli, do Instituto de Artes da

7. Walmira Costa e Rizio Bruno Sant'Ana, *Sala de Obras Raras: Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus*, Belo Horizonte, FuturaMídia, 2000. CD-ROM.

8. Rizio Bruno Sant'Ana, "Identificação de Obras Raras", *Boletim da Aber*, abr. 1998, p.10.

9. *Conhecer Biblioteca: Serviço e Informação*, 1998.

Unesp, que foi curador em exposições de artes na BMA e responsável pelo projeto gráfico da revista da biblioteca. Com o apoio da diretora da Biblioteca, Marli Monteiro, apresentei o projeto à Fapesp em maio de 1998, sendo aprovado e realizado de março de 1999 a setembro de 2000.

Apesar de alguns percalços, como cortes de verba, o resultado foi muito significativo para a BMA. Contratei as conservadoras Norma Cassares e Beatriz Haspo, da diretoria da Aber, auxiliadas por Priscila Ferretti. Beatriz trabalhou apenas quatro meses, pois foi convidada por Mark Roosa a participar de um treinamento em preservação na Library of Congress, onde acabou sendo efetivada e segue brilhante carreira. Estabeleci com as conservadoras que seriam tratados os materiais de maior valor e de maior perigo de perda por falta de conservação e acondicionamento adequado, identificados e selecionados por nós. Cerca de três mil documentos (manuscritos, gravuras e desenhos) foram higienizados e acondicionados. Visando preservar o acervo raro e, ao mesmo tempo, aumentar o acesso dos pesquisadores às fontes históricas, foi feita por fotógrafo profissional a reprodução em cromo e em papel de mil ilustrações publicadas em livros de viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil, entre 1558-1881.

Muriel Scott se desdobrou para conseguir os melhores preços, e conseguimos comprar diversos equipamentos, como: armários deslizantes; aparelhos de ar-condicionado; computadores; aparelhos data logger; duas mesas de higienização; uma cortadora de *passé-partout*; uma seladora de poliéster e um conjunto deionizador de água Water Tech; desumidificadores e ventiladores, para o caso de inundações na BMA, além de muitos outros itens. Funcionários da Seção de Encadernação recuperaram a prensa e o facão, que estavam há anos abandonados no pátio externo da BMA. A realização deste projeto beneficiou toda a Biblioteca, pois a consciência dos problemas de preservação se espalhou por todos os setores e os frutos do projeto ainda hoje são visíveis.

Um dos saldos positivos desse projeto, para a área de conservação em São Paulo, teve um início prosaico: Muriel se consultava com um dentista de nome Mauro Constantino, que gostava de inventar equipamentos odontológicos. Tivemos dificuldade para comprar uma espátula térmica, e ele acabou produzindo uma, de ótimo feitio e funcionamento. Depois, seguindo as informações de Norma Cassares, realizou para nós outras peças maiores, como a máquina seladora e as mesas de higienização, que também testamos e deram muito certo. Resultado: ele passou a investir nessa área e criou a empresa Di Constan, de equipamentos e materiais para conservação. Mauro faleceu há três anos, mas sua empresa continua como uma bela criação no campo da preservação de acervos.

Continuando minha formação, participei em 1999 e 2000 de dois cursos importantes, o de Identificação de Obras Raras, com António Leal, de Lisboa, no SIBI-USP, e o de Informática na Conservação e Restauração de Bens Culturais, por Alan Cummings e Angela Geary, do Royal College of Art de Londres, Inglaterra, no British Council, ambos em São Paulo, e publiquei mais um artigo sobre obras raras¹⁰. Trabalhei novamente com Walmira Costa em 1999, no projeto “Conservação Preventiva de Obras Raras dos Séculos XVI ao XIX” do Santuário do Caraça, em Minas Gerais, com a higienização e organização de todo o acervo. Participei em 2001, em Belo Horizonte, do “I Seminário Nacional Sobre Microfilmagem e Digitalização Para Preservação”, organizado pelo Arquivo Público Mineiro, e apresentei uma palestra sobre critérios de raridade no seminário “Obras Raras: Estudos Introdutórios do Laboratório de Preservação de Acervos” da UFMG, em 2002.

Por esta época, já se anunciava um problema de infestação de brocas nos livros da Coleção Geral da BMA. Eu havia assumido o cargo de diretor da BMA no final de 2001 e contatei, por indicação de Norma Cassares, o pesquisador alemão Stephan Schäfer, que estava iniciando um trabalho de controle de pragas com o uso da atmosfera de anóxia. Tivemos várias reuniões e chegamos a propor um projeto de amplo impacto, para tratar os 22 andares do prédio; no entanto, não conseguimos a verba necessária para a realização do projeto, só retomado oito anos depois, em outro formato.

Voltando para a Seção de Raros, participei de um projeto pioneiro de digitalização de obras raras patrocinado pelo Instituto Embratel 21, os Tesouros da Biblioteca Mário de Andrade, para o qual fiz a seleção de 120 livros raros sobre o Brasil, dos séculos XVI ao XIX, e de duas mil imagens retiradas de setenta álbuns de gravuras e de fotografias originais sobre São Paulo (total de vinte mil páginas). Esse projeto, realizado há quase quinze anos pela empresa DocPro, do Rio de Janeiro, permite a leitura e a pesquisa integral das obras por meio do OCR e está disponível *on-line*, sendo bastante consultado¹¹. Em 2003, proferi no curso de Biblioteconomia da Universidade Vale do Rio Verde, em Três Corações, MG, uma palestra sobre aspectos de preservação de livros.

Patrocinado pelo Programa de Verbas para Preservação do Getty Museum, fui convidado a ir aos EUA e participei, na Huntington Library,

10. Rizio Bruno Sant'Ana, “Quinhentos Anos de História do Brasil: Bibliografia Comentada”, *Revista da BMA*, 2000, pp. 217-238.

11. O texto integral dos livros e as imagens selecionadas estão disponíveis em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/tesouros_da_cidade/index.php?p=1096>. Acesso em: 12 mar. 2018.

do estágio em conservação de material bibliográfico, no quinto ano em que esse curso foi oferecido a conservadores da América do Sul. A Huntington é uma instituição cultural privada de San Marino, perto de Los Angeles, que inclui a Biblioteca (seis milhões de itens, sendo seiscentas mil obras raras), as Galerias de Arte e os Jardins Botânicos (ocupando 1/3 do espaço do Parque Ibirapuera). Por nove meses, de setembro de 2003 a maio de 2004, fiz cursos de preservação e conservação junto com Vianka Hortúvia, do Chile. O programa de estudos previa aulas práticas nos dois laboratórios de conservação e no setor de exposições e também o estudo de novas técnicas e suas teorias, a partir da leitura de textos específicos e da discussão sobre os procedimentos a serem adotados.

Se minha primeira participação nos EUA, em 1993, serviu como um estágio prático de preservação, agora eu estava tendo um verdadeiro curso de pós-graduação. As aulas eram dadas por Paula León, do Chile, que havia feito o mesmo curso em 1999 e passou a dar suporte aos estagiários. Aprendemos muito também com as conservadoras Susan Rogers, Holly Moore, Fiona Johnston e Joyce Ziman. Fiz caixas protetoras para livros e tratei de obras raras da coleção Francis Bacon, dos séculos XVII e XVIII, fazendo de pequenos reparos a novas encadernações em couro, e trabalhei com uma grande série de 75 gravuras americanas impressas entre 1750 e 1870. Além disso, criei modelos de caixas e de encadernação de livros, incluindo *phasebox* e *clamshell*; capa de papel artesanal e em tecido tipo vitoriano; encadernação em meio couro e capa em pergaminho flexível (modelo criado por Robert Espinosa), usados como forma de compreender melhor o trabalho realizado e trazidos para ajudar em treinamentos na BMA. Usamos a base de dados do Departamento de Preservação e aprendemos a escrever o *condition report* e a fazer a documentação fotográfica, de acordo com o Código de Ética e as normas adotadas pelo AIC (American Institute for Conservation).

Tivemos *workshops* com Jeffrey S. Peachey, de Nova York (sobre os instrumentos usados no corte e chanfradura do couro, depois do qual fiz minhas próprias facas, as quais trouxe para a BMA); com Elizabeth Morse, conservadora de Harvard, sobre velaturas especiais em papel; e cursos de manuscritos iluminados a ouro em pergaminho (realizado nos Jardins Botânicos da Huntington) e papéis marmorizados, com Holly Moore (quando produzi meus próprios papéis).

Acompanhamos a montagem de uma exposição sobre William Morris, para a qual vimos os tratamentos que foram realizados nos laboratórios, e assistimos à palestra de Blaise Aguera y Arcas, da Universidade de Princeton, sobre a imprensa de Gutenberg, discutindo

.....
*Visita técnica aos laboratórios de
conservação do Getty Museum / The Getty
Conservation Institute, em Los Angeles.*
.....



.....
*Rizio Bruno em atividades de restauro
na Biblioteca Huntington.*
.....

uma nova teoria sobre como foram impressos os livros do século xv. No final do estágio na Huntington pude viajar por várias cidades americanas e conhecer novas bibliotecas. Fui a San Francisco participar de conferências no Museu de Arte Moderna sobre diminuição dos riscos de desastres em coleções culturais, organizada em forma de *workshops* pelo CCAHA, um dos mais importantes centros de pesquisa na área de conservação dos Estados Unidos. Com a participação de quarenta profissionais da área de preservação e de segurança de grandes instituições dos EUA e de outros países, tivemos contato com diversas ferramentas de avaliação acerca da vulnerabilidade contra desastres por parte de instituições culturais.

Na sequência, participei, como membro associado, do 32º Encontro Anual do AIC, realizado em Portland, que teve como tema geral as práticas e controvérsias sobre a limpeza de objetos culturais. Assisti a palestras sobre preservação de livros, papéis e fotografias e fiz um curso sobre a iluminação de objetos em exposições. Entre os conservadores brasileiros estava Tatiana Christo, que participou do estágio anterior na Huntington e que apresentou um trabalho sobre o uso, nas obras raras da Biblioteca Nacional, da encadernação Espinosa de pergaminho flexível. Após o encontro da AIC, fui a Nova York e pude visitar novamente a Sala de Obras Raras da Biblioteca Pública Municipal. Convidado por Nora Kennedy, conservadora chefe de Fotografias do Metropolitan Museum of Art (que eu havia conhecido durante o encontro da AIC), visitei os laboratórios daquela instituição, um dos maiores museus do mundo, e pude ver a maneira como eles trabalham com a preservação de fotos e as salas de aula e pesquisa.

Na Universidade de Yale, participei da 45ª Pré-Conferência da RBMS (Sessão de Livros Raros e Manuscritos) reunindo cerca de 450 profissionais dos EUA e de outros países. Na Conferência Anual da ALA, que reuniu mais de 10,5 mil bibliotecários de todo o mundo, em Orlando, participei das reuniões dos grupos de bibliotecários de obras raras, que discutiram normas bibliográficas, empréstimo de obras raras para exposições, atendimento ao público e questões de segurança. Por fim, em julho de 2004 fiz um interessante curso na Rare Book School da Universidade da Virgínia com Stanley Nelson sobre introdução à história da tipografia, quando pude imprimir um folheto com tipos de metal, em uma réplica de uma prensa de madeira do século XVIII. Usamos uma matriz de fonte tipográfica para produzir tipos em metal e analisamos centenas de textos impressos, de vários séculos, para estudar o desenvolvimento da tipografia ocidental.

Depois que voltei ao Brasil, fui gerente de um novo projeto de digitalização de obras raras da BMA, em homenagem aos 450 anos de

fundação de São Paulo, quando fiz a seleção e descrição de cem livros sobre a cidade, publicados entre os séculos XVIII e XX, num total de dez mil páginas¹². Auxiliei o Prof. Percival Tirapeli na pesquisa para a publicação de seu livro pela Unesp, *São Paulo, Artes e Etnias*, baseado no acervo da BMA para contar a história dos artistas imigrantes que construíram São Paulo, e fiz a descrição comentada da bibliografia¹³.

Em novembro de 2005, Norma Cassares me pediu ajuda para trazer um restaurador estrangeiro ao Brasil, para dar um *workshop* sobre conservação de obras raras de duas semanas, ensinando novas técnicas de restauro de encadernações. Eu havia estudado com Paula León, conservadora chilena que trabalhou na Huntington Library e que agora estava morando na Alemanha; indiquei seu nome e a Aber conseguiu trazê-la, com patrocínio da Fundação Vitae. Acompanhei o curso, ajudando a Paula e traduzindo alguns pontos para os alunos, de vários estados do Brasil. Entre 2006 e 2007, Ivani di Grazia me convidou a dar uma consultoria em catalogação de obras raras para a Biblioteca do Masp¹⁴, num projeto de organização e conservação de seus quatrocentos livros raros.

Com as professoras Ana Maria Camargo e Johanna Smit, fiz parte da banca de TCC de Roberta Kazumi Kayo na ECA-USP, para obtenção do bacharelado em Biblioteconomia em 2007¹⁵. Roberta fazia estágio no Masp e hoje é uma das catalogadoras de livros raros da BMA. Participei do Curso de Segurança de Acervos Culturais, realizado no Museu de Astronomia e Ciências Afins, no Rio de Janeiro, escrevi outro artigo para nossa revista¹⁶ e fiz o curso de uma semana de Gestión y Catalogación de Fondo Antigo, ministrado por Isabel Moyano e Eulalia Iglesias, da Biblioteca Nacional da Espanha, destinado a alunos de vários países da América Latina e realizado no IEB-USP, em 2008.

Também no IEB, organizei com curadoria conjunta de Bianca Maria Abbade Dettino a exposição *Obras Raras em Espaços Públicos*, de abril a julho de 2008. A montagem foi um pedido do então diretor da BMA, Luís Francisco Carvalho Filho, e reunia tanto obras do IEB como outras da Seção de Raros da BMA, que haviam sido furtadas em 2006

12. O texto integral dos livros está disponível em: <<http://docvirt.no-ip.com/demo/bma/bma.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

13. Rizio Bruno Sant'Ana, "Bibliografia Geral e Comentada" em Percival Tirapeli, *São Paulo, Artes e Etnias*, pp. 422-430.

14. O acervo está disponível em: <<http://masp.art.br/pesquisa/pt/catal/formulario.html>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

15. Roberta Kazumi Kayo, *Livros Raros: Discussão dos Critérios que Definem os Livros Como Raros e da Importância de sua Descrição Detalhada*, 2007. TCC em Biblioteconomia, ECA-USP.

16. "Informações Sobre os Diversos Formatos do Livro", *Revista da BMA*, 2007, pp.172-73.

e depois recuperadas com ajuda da Polícia Federal. A exposição trazia, além das obras, painéis com recortes de jornal e outras notícias sobre o furto, explicando de forma didática os problemas de guarda e segurança das obras. Muitas das obras furtadas foram mutiladas, tendo sido cortada ou rasurada a parte inferior das páginas de rosto, para retirada das marcas do carimbo e do número de tombo. Os *ex-libris* foram arrancados e em geral foram apagados o número de chamada e as informações de aquisição dos exemplares, que são escritas a lápis. No entanto, se conservaram outras formas de identificação, o que facilitou sua recuperação pela polícia, após ter sido localizada a casa de leilão que os vendeu. Para essa exposição, o restauro das obras esteve a cargo de Norma Cassares. No prédio da BMA, foi aumentada a segurança por meio de vigias e mudada a sistemática de controle de abertura das reservas técnicas de obras raras, com fechaduras eletrônicas dotadas de senha. Mais tarde, foi instalado um sistema de câmeras de vigilância em várias salas de atendimento.

Com a soma de eventos de roubos ou sinistros ocorridos na mesma época em várias instituições culturais paulistanas, um grupo de conservadores (Isis Baldini Elias, Teodora Camargo Carneiro, Gina Gomes Machado, entre outros) se reunia desde 2007 para discutir a respeito da criação de uma entidade que fortalecesse a luta pela preservação dos acervos. No ano seguinte, passei a participar dessas reuniões e em dezembro de 2008 o grupo foi constituído como um Comitê Paulista do Escudo Azul, a partir do Comitê Nacional existente na Biblioteca Nacional, segundo o modelo da Blue Shield International, com sede na França. O Escudo Azul é uma entidade supranacional destinada a desenvolver trabalhos de proteção do patrimônio cultural, coordenando os preparativos para atender e responder a situações de emergência, como desastres naturais, ameaças à segurança e conflitos armados. Promovemos diversas reuniões e um treinamento sobre inundação e processo de congelamento de obras em papel, com Antonio Mirabile, realizado no IPT em 2010. Atualmente intitulado Blue Shield Brasil, o Comitê Paulista do Escudo Azul obteve o reconhecimento oficial em outubro de 2016. Os recentes eventos de incêndios em prédios como o Museu da Língua Portuguesa e a Cinemateca Brasileira demonstram que os problemas de segurança continuam existindo, são sérios e devem ser encarados com firmeza.

Com o fechamento da BMA para a reforma do prédio, entre 2007 e 2010, os trabalhos na Seção tiveram que ser adiados, pois não havia condições de atender ao público ou conduzir pesquisas sobre obras raras, que ficaram guardadas em caixas. No entanto, foram desenvolvidos vários projetos de higienização e de conservação das coleções de

livros e de periódicos, em parte guardada em Santo Amaro, por Ingrid Beck, Norma Cassares e Stephan Schäfer, com o patrocínio do BNDES, da Petrobras e o uso de verba própria da BMA. Foi atacado principalmente o problema de infestação por brocas em grande parte do acervo. Nos anos seguintes, a antiga Biblioteca Circulante (livros de empréstimo domiciliar), que ocupou diversos prédios públicos por mais de cinquenta anos, voltou a funcionar no térreo da BMA, enquanto a coleção de periódicos ganhou um novo espaço em um prédio próprio, ao lado do nosso, a Hemeroteca Mário de Andrade, inaugurada em 2012.

Publiquei dois artigos sobre obras raras e a história do papel¹⁷ e fiz, a pedido do Sr. Secretário Municipal de Cultura, um laudo técnico sobre o estado de conservação e a qualidade do acervo da antiga Biblioteca do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, com livros raros, periódicos e peças de teatro; esse acervo foi transferido para a BMA e o CCSP. Em 2009, dei uma oficina de catalogação, enfatizando a importância do registro das obras, no seminário “Segurança em Museus: um Olhar Multidisciplinar”, promovido pela Fundação Vitae e o Fundo ICOM-BR, e participei do projeto “Memória Oral da BMA” gravando uma entrevista sobre os meus vinte anos de atividades¹⁸.

A partir de 2010, na gestão da diretora Maria Christina Barbosa de Almeida, houve uma reorganização funcional na BMA, com a criação de novas supervisões e coordenadorias. Fui supervisor de Obras Raras até 2012 (a coordenadora era Joana Darc Moreno de Andrade), e a restauradora Paula de Souza e Silva foi contratada como coordenadora de preservação (substituída em 2012 por Celina Luiza de Oliveira). Desde esse período, passei a me dedicar menos aos aspectos da conservação dos acervos. Em 2010, publiquei mais dois artigos¹⁹ e dei uma longa entrevista sobre a Seção de Raros para uma publicação *online*²⁰.

Com a possibilidade de inscrever parte do acervo da BMA no Registro Nacional do Brasil do programa Memória do Mundo da Unesco (MOW Brasil), estabelecido pelo Arquivo Nacional, criei o projeto “Imagens Paulistas: Álbuns Fotográficos da Cidade de São Paulo, 1862-1919”, que foi aceito e passou a ser nominado no Registro Nacional em 2011. Esse é um acervo de significativa importância documental, pois reúne os nove primeiros álbuns fotográficos originais da cidade de São Paulo,

17. Rizio Bruno Sant’Ana, “O Livro Raro”, *Revista da BMA*, 2008, pp. 170-173; e “História do Papel”, *Revista da BMA*, 2009, pp. 212-217.

18. BMA, “Projeto Memória Oral”, Rizio Bruno Sant’Ana, entrevistado por Daisy Perelmutter, 2009.

19. Rizio Bruno Sant’Ana, “Edições Estrangeiras de Jorge Amado na BMA”, *Revista da BMA*, 2010, pp. 113-119; e “História da Encadernação”, *Revista da BMA*, 2010, pp. 188-197.

20. Maria Clara Rabelo, “As Obras Raras das Bibliotecas Brasileiras”, 2011.

num total de mais de 650 fotografias produzidas entre o final do século XIX e começo do século XX. O selo do Programa é uma garantia para a segurança e conservação da coleção.

Apresentei a palestra “Obras Alemãs Sobre o Brasil na BMA”, durante o lançamento do livro *Publicações Sobre o Brasil em Língua Alemã*, editado em São Paulo pelo Instituto Martius-Staden em 2011, e participei do “Seminário Mindlin 2012 – Plantin & Craesbeeck”, organizado pela BBM-USP e pelo Consulado Geral da Bélgica em São Paulo, realizado na BMA em junho de 2012. Para esse seminário, organizei com curadoria conjunta de Iris Kantor a exposição de obras raras *Plantin & Craesbeeck – Um Mundo Sobre Papel*. Com patrocínio da Biblioteca da Universidade de Harvard, EUA, fiz o projeto de digitalização de obras raras brasileiras do início do século XIX, realizado entre março e outubro de 2012, com 120 livros impressos no Rio de Janeiro e em São Paulo, pela Imprensa Régia e outras tipografias. Esse acervo foi digitalizado pela Biblioteca Brasileira Mindlin e estará disponível *on-line* no site da BMA.

Foi realizado no Brasil o “Colóquio 2012 da Associação Internacional de Bibliofilia”, organizado por Pedro Corrêa do Lago e Ruy Souza e Silva. Durante esse encontro internacional, que reuniu dezenas de colecionadores de vários países da Europa e dos EUA, fiz a curadoria da exposição *The Rare Books of the Biblioteca Mário de Andrade*, cujo texto apareceu depois como artigo²¹. Fui palestrante na Primeira Jornada de Estudos Rubens Borba de Moraes, organizado pelo NELE-USP, em novembro de 2014, falando sobre a Coleção Félix Pacheco na Biblioteca Mário de Andrade.

Nos anos de 2012 a 2014 a BMA enfrentou seguidos problemas de infestação de fungos em todos os 22 andares de guarda de livros e outros materiais (em cerca de 10% do total do acervo), incluindo a Seção de Obras Raras, devido a problemas com a aparelhagem de ar-condicionado. Ainda hoje esses problemas não se resolveram totalmente, mas depois de consultas com técnicos do IPT e do IPEN-USP e de outras instituições e empresas, a questão parece equacionada. Foi instalado em todo o prédio, e também na Hemeroteca, o sistema Climus de monitoramento da climatização, e são utilizados cerca de cinquenta aparelhos desumidificadores. Norma Cassares realizou um grande projeto de higienização de todo esse acervo, entre novembro de 2013 e junho de 2015 (num total de 308 mil livros e 23 mil itens diversos – manuscritos, álbuns de fotos, catálogos, reproduções de artes etc.), o que nos custou grande trabalho de acompanhamento.

21. Rizio Bruno Sant’Ana, “The Rare Books of the Biblioteca Mário de Andrade, the Public Library of São Paulo”, *Bulletin du Bibliophile*, pp. 97-112.



Labyrintho de Creta, de Antonio José da Silva. Peça de teatro do autor brasileiro queimado pela Inquisição de Portugal, publicada de forma anônima em Lisboa, na Oficina de Miguel Rodrigues, em 1740. Encadernação moderna em meio couro e pergaminho, estilo Espinosa, feita por Ana Paula Tanaka em 2014. Coleção Félix Pacheco.



Dr. José Mindlin recebe Paula León em sua famosa biblioteca.



Etapa do curso de introdução à história da tipografia, na Rare Book School da Universidade da Virgínia, em 2004, usando uma réplica de prensa de madeira do século XVIII.

Como complementação desse trabalho, foi realizado o restauro de duzentas obras, entre livros, mapas e documentos planos. O restauro dos livros (principalmente das encadernações dos séculos XVI ao XIX) e dos papéis e mapas foi realizado pelas conservadoras Ana Paula Tanaka e Regiane Crispim, ambas do ateliê de Norma Cassares. Todo o trabalho de seleção e discussão do tratamento a ser realizado foi feito em conjunto com as conservadoras, quando novamente pude aprender bastante sobre a possibilidade ou não das intervenções desejáveis. Em vários casos, chegamos à conclusão de que o trabalho não deveria ser realizado, e a obra era trocada por outra. Afinal, o que mais temos é livro precisando de tratamento... Ao mesmo tempo, a Seção de Raros deu início a um inventário geral da coleção e a um projeto de catalogação *online* de todo o seu acervo, de cerca de trinta mil volumes de livros, dos quais já foram catalogados mais de 26 mil exemplares. Devido a problemas de implementação do banco de dados, apenas uma parte deste acervo está *on-line*.

Olhando para todo o meu trajeto na área de curadoria de obras raras e de conservação de acervos, penso que, se pudesse mudar alguma coisa, usaria menos tempo para as funções administrativas e me dedicaria mais ao trabalho de bancada ou de laboratório. Embora me considere sem muita habilidade manual, consegui bons resultados nos poucos casos em que lidei diretamente com a conservação e restauro de uma obra rara (pelo menos, é o que dizem alguns que viram meus trabalhos). Por outro lado, gosto muito do trabalho de pesquisa e dos levantamentos bibliográficos que realizo para os pesquisadores, então acho que tentaria me equilibrar entre esses dois polos. ●

SOBRE O AUTOR

Rizio Bruno Sant'Ana é bibliotecário formado pela ECA-USP em 1987, trabalha na Biblioteca Mário de Andrade, da Prefeitura de São Paulo, desde 1989, tendo sido seu diretor em 2001-2002. Participou de dois programas de atualização nos EUA, entre 1993-1994 e 2003-2004, pela American Library Association e pelo Getty Museum, nas áreas de organização de acervos e conservação de livros raros. Foi professor de História do Livro e das Bibliotecas no Curso de Preservação e Restauro organizado pelo Senai/Aber, 1997-2006. Consultor no projeto de catalogação de obras raras da Biblioteca do Masp, patrocinado pela Fundação Vitae, 2006-2007, e no Projeto BNDES da Biblioteca Padre Vaz, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte-MG, 2007-2008. Gerente de diversos projetos de conservação e digitalização de obras raras na Biblioteca Mário de Andrade, financiados pela Fapesp, Instituto Embratel 21 e Universidade de Harvard, publicou vários textos e artigos sobre obras raras.

O BIBLIOTECÁRIO NA CONSERVAÇÃO DE LIVROS RAROS p.88

RESUMO Relato, em primeira pessoa, da trajetória de quase trinta anos de um bibliotecário da rede pública de bibliotecas da cidade de São Paulo. Descreve os trabalhos na Seção de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade, desde a sua reorganização até os projetos desenvolvidos de conservação e digitalização do acervo. Atuando como Curador de Obras Raras, o autor organizou exposições, publicou artigos e bibliografias e participou de cursos e estágios nas áreas de biblioteconomia e conservação de livros antigos, tanto no Brasil como nos Estados Unidos.

BIBLIOTECONOMIA DE OBRAS RARAS
• CONSERVAÇÃO DE LIVROS •
BIBLIOTECAS PÚBLICAS.

THE LIBRARIAN AT THE RARE BOOK CONSERVATION

ABSTRACT First-person account of the trajectory of a librarian in the public library network of the São Paulo municipality for almost thirty years. Describes the works in the Rare Books Section of the Mário de Andrade Library, from its reorganization to the conservation and digitization projects of the collection. Acting as the Curator of Rare Books, the author organized exhibitions, wrote articles and bibliographies and participated in courses and internships in the areas of librarianship and conservation of old books, both in Brazil and in the United States.

RARE BOOKS LIBRARIANSHIP
• CONSERVATION OF BOOKS •
PUBLIC LIBRARY.

REFERÊNCIAS

- BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE. “Projeto Memória Oral”. Rizio Bruno Sant’Ana, entrevistado por Daisy Perelmutter. 1 DVD, 200 min., 11 mar. de 2009. Transcrição de 70 p. em PDF. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/memoria_oral/index.php?p=8781>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. “Obra Rara: Critérios Para Definição”. Trabalho apresentado na mesa redonda “Obra Rara: Critérios Para Definição, Política de Preservação e Mercado”. São Paulo, 8 de outubro de 1992.
- COSTA, Walmira e SANT’ANA, Rizio Bruno. *Sala de Obras Raras: Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus*. Belo Horizonte, Futuremedia, 2000. CD-ROM.
- KAYO, Roberta Kazumi. *Livros Raros: Discussão dos Critérios que Definem os Livros Como Raros e da Importância de sua Descrição Detalhada*. São Paulo, ECA-USP, 2007. (TCC em Biblioteconomia)
- RABELO, Maria Clara. “As Obras Raras das Bibliotecas Brasileiras”. *ComCiência*. Campinas, n. 127, 10 abr. 2011. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=65&id=826>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- SANT’ANA, Rizio Bruno e COSTA, Iraci del Nero. “A Escravidão Brasileira nos Artigos de Revistas (1976-1985)”. *Estudos Econômicos*, vol.19, n.1, pp.131-194, jan./abr. 1989.
- SANT’ANA, Rizio Bruno. “Bibliografia”. In: ANDRADE, Mário. *Dicionário Musical Brasileiro*. Organizado por ALVARENGA, Oneida e TONI, Flávia. São Paulo, IEB-USP, 1989.
- _____. “Bibliografia Geral e Comentada”. In: TIRAPELLI, Percival. *São Paulo, Artes e Etnias*. Imprensa Oficial, Unesp, 2007.

- _____. “Como Definir Obras Raras: Critérios da Biblioteca Mário de Andrade”. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, vol. 54, jan.dez. 1996.
- _____. *Conhecer Biblioteca: Serviço e Informação*. Direção Ana Dip. São Paulo, Senac/Franmi, 1993. 1 vídeo, 53 min.
- _____. “Edições Estrangeiras de Jorge Amado na BMA”. *Revista da BMA*, vol. 66, pp. 113-119, 2010.
- “História da Encadernação”. *Revista da BMA*, vol. 66, pp. 188-197, 2010.
- _____. “História do Papel”. *Revista da BMA*, vol. 65, 2009.
- _____. “Identificação de Obras Raras”. *Boletim da Aber*, vol. 10, n. 1, abril. 1998.
- _____. “Informações Sobre os Diversos Formatos do Livro”. *Revista da BMA*, vol. 63, pp. 172-173, 2007.
- _____. “O Livro Raro”. *Revista da BMA*, vol. 64, pp. 170-173, 2009.
- _____. “Quinhentos Anos de História do Brasil: Bibliografia Comentada”. *Revista da BMA*, vol. 58, pp. 217-238, 2000.
- _____. “The Rare Books of the Biblioteca Mário de Andrade, the Public Library of São Paulo”. *Bulletin du Bibliophile*. Paris, n. 1, pp. 97-112, 1º. sem. 2013.
- _____. “Viagens às Raridades”. Palestra apresentada no VII Simpósio de Bibliotecas e Desenvolvimento Cultural ocorrido durante a 13ª. Bienal Internacional do Livro. São Paulo, 21 ago. 1994.